

**GREVE NA UFAL.** Professores e servidores da universidade reivindicam reajuste salarial à União

“O governo não está aberto ao diálogo”

Márcio Barboza, da Adufal, reclama de propostas para pôr fim à greve

LELO MACENA
REPÓRTER

Cem por cento paralisada desde o último dia 17 de maio, segundo o movimento grevista, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) está entre as 56 das 59 universidades federais brasileiras que aderiram ao movimento grevista que já dura 45 dias. Além das universidades, todos os institutos federais também estão parados. Embora pacífica e com poucos protestos e mobilizações nas ruas, o comando de greve nacional afirma que é a maior paralisação das instituições de ensino superior na história do Brasil. À frente da mobilização em Alagoas, o vice-presidente da Associação dos Docentes da Ufal, Márcio Gomes Barboza, afirma que a greve deve continuar. Em entrevista à *Gazeta*, ele diz que falta sensibilidade ao governo para resolver a questão e traça um histórico da negociação que culminou na greve. Márcio Gomes Barboza também critica o Reuni, reclama das condições dos campi da Ufal e defende melhores salários para os professores.

Gazeta. Quarenta e cinco dias depois da deflagração da greve, não houve sequer uma reunião entre o movimento grevista e o go-

verno federal. Por quê?
Por enquanto, não.

Na sua opinião, o que estaria travando esse entendimento entre o governo e a categoria?

Na realidade, o que percebemos é que, apesar do esforço do Ministério da Educação, esbarramos sempre nas decisões do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. É esse ministério que diz sim ou não aos nossos pleitos.

Mas a categoria vinha negociando com o governo até decidir pela greve?

Nós iniciamos essa negociação no dia 2 de agosto de 2010, depois de convocação do próprio governo. Naquela data, o governo protocolou uma nova carreira de professor universitário. Na verdade, o governo queria criar mais um nível com quatro subníveis. Seria uma categoria chamada de professor sênior.

Como a categoria recebeu essa investida do governo?

Nós não aceitamos, enquanto sindicato nacional. Em dezembro de 2010, o governo convocou nova reunião e disse que a proposta seria aquela. Em janeiro de 2011, durante o congresso do sindicato nacional da nossa categoria, elaboramos na plenária e protocolamos um documento, onde constava nossa proposta de carreira. O governo foi empurrando até agosto de 2010, no prazo de enviar a LDO [Lei de Diretrizes Orçamentária] para o Congres-

so, e disse que não tinha nada para nos dar com relação a aumento salarial para 2012.

Quando fizemos uma reunião em março passado para analisar a conjuntura, sabíamos que tínhamos força para entrar numa greve. Essa é a maior gre-

ve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas.

Qual a principal reivindicação da categoria?

É a reestruturação da carreira de docente. Desde a década de noventa, nossos aumentos vêm sendo feitos em termos de gratificações. Para se ter uma ideia, até o último mês de

Essa é a maior greve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas.

Essa é a maior greve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas.

Essa é a maior greve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas.

Essa é a maior greve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas.

Frases
MÁRCIO BARBOZA
VICE-PRESIDENTE DA
ADUFAF

“O que percebemos é que, apesar do esforço do Ministério da Educação, esbarramos sempre nas decisões do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. É esse ministério que diz sim ou não aos nossos pleitos”

“Essa é a maior greve que as instituições de ensino superior já fizeram no Brasil. O governo não imaginava que tivéssemos essa força e fez uma análise errada. No dia 25 de abril, avisamos que entraríamos em greve. O governo nos pediu um tempo até o fim de maio. Mas não houve avanço e sabíamos que não se resolveria a situação em uma ou duas semanas”

“Os campi de Arapiraca e de Maceió

estão localizados ao lado de presídios. Arapiraca é uma situação pior. O presídio está dentro da universidade. Desde 2006, já aconteceram diversas fugas, como mostraram os noticiários”

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] foi implantado pelo governo federal e várias questões de infraestrutura não foram feitas. Nós temos, aqui, o caso de Viçosa, mas o problema é em todo o Brasil. O governo já sinaliza com o Reuni 2, quando sequer foi concluído o Reuni 1.

Qual o critério, hoje, nas universidades federais para a ascensão do professor?

O governo estabelece como pré-requisito para passar de uma classe para outra a titulação. Temos professores, alguns foram meus professores na década de 80, que estão num nível menor do que eu me encontro agora. Porque fizeram mestrado, mas não saíram para fazer doutorado. Eles não tiveram as mesmas condições de ascender que temos hoje e estão estagnados há mais de 20 anos, na mesma categoria, sem ter o direito de subir de nível. Não podemos deixar que isso aconteça. É um absurdo. Todo trabalhador brasileiro tem direito a ascensão.

Vocês também cobram infraestrutura nos campi.

Sim. Sabemos que o Reuni [Programas de Apoio à

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] foi implantado pelo governo federal e várias questões de infraestrutura não foram feitas. Nós temos, aqui, o caso de Viçosa, mas o problema é em todo o Brasil. O governo já sinaliza com o Reuni 2, quando sequer foi concluído o Reuni 1.

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] foi implantado pelo governo federal e várias questões de infraestrutura não foram feitas. Nós temos, aqui, o caso de Viçosa, mas o problema é em todo o Brasil. O governo já sinaliza com o Reuni 2, quando sequer foi concluído o Reuni 1.

Qual a situação do Curso de Medicina Veterinária que funciona no município de Viçosa?

Falta o hospital veterinário. Não há estrutura nos prédios, falta telefone fixo. Há a necessidade de contratação de professores. A carga horária dos professores de lá é muito

elevada. Somos contratados para exercer atividade de pesquisa, ensino e extensão. Quando o professor está sobrecarregado com a única atividade de ensino, ele não exerce satisfatoriamente as demais atividades. Na avaliação de progressão, esse professor não consegue pontuação máxima porque está sobrecarregado. Sem falar no número de alunos em sala de aula e no excesso de turmas para cada professor. Isso tem sido correto nos campi do interior.

Quando à questão da segurança?

Lamentavelmente os campi de Arapiraca e de Maceió estão localizados ao lado de presídios. Arapiraca é uma situação pior. O presídio está dentro da universidade. Desde 2006, já aconteceram diversas fugas, como mostraram os noticiários. A última foi no dia 2 de abril, onde houve deflagração de tiro em sala de aula, colocando em risco toda a comunidade acadêmica. O governo do Estado já sinalizou concretamente que vai desativar o presídio. Mas o que a comunidade acadêmica teme é que essa promessa não seja concretizada. Porque já foram feitas promessas no passado.

Qual a situação no campus de Maceió?

Lá também ocorrem fugas. Quinze dias antes da fuga de Arapiraca, em março, reeducandos também fugiram e invadiram

o campus de Maceió. No caso dos assaltos que vinham acontecendo, nos últimos dois anos, foram reduzidas significativamente as ocorrências.

Com a falta de perspectivas para o retorno às aulas, os alunos podem vir a ser prejudicados com a perda do semestre?

Não, não existe isso. Digo sempre aos estudantes: a greve é dolorosa para todas as categorias, não só para eles, mas para os docentes e para os técnicos administrativos. Desde quando ingressei nessa universidade como aluno, em 1983, já enfrentei greves de 120 dias e nunca houve perda de semestre. ◻